

IN MEMORIAN DO DR. ALBERTO LUÍS DE MENDONÇA

Samuel Ruah

Director Jubilado do Serviço de ORL, do Hospital Dona Estefânia

É com maior prazer que colaboro no início de uma nova Revista de Otorrinolaringologia ao evocar o nome de um dos primeiros e mais destacados Mestres da nossa Especialidade.

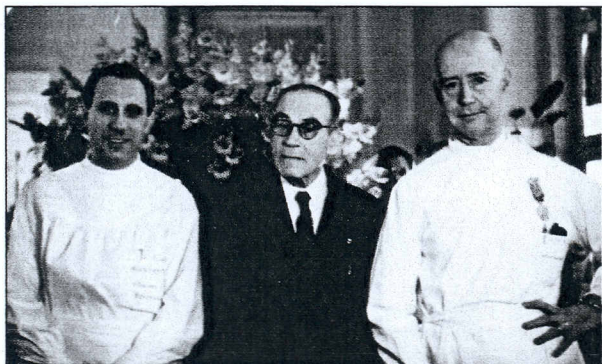
A nossa habitual tendência leva-nos frequentemente a esquecer, com o passar do tempo, aqueles que nos precederam e nos deixaram uma marca inesquecível dos anos que com eles convivemos, aprendemos e crescemos.

Fui o último especialista que o Dr. Alberto Mendonça deixou de entre umas largas dezenas que a ele tanto recorreram. E fui também o último que mais tempo privou com ele. É por isto que justamente aqui o invoco. Lembrarei primeiro sucintamente quem ele foi e sobretudo a relação que com ele tive.

Nasceu em 1879 e faleceu em 1963. Inicialmente foi Director de um Serviço de Cirurgia Geral – a Lourenço da Luz – dos Hospitais Cívicos de Lisboa mas trabalhou também no Hospital Militar de Lisboa, onde fundou o primeiro serviço de ORL e no Instituto Nacional dos Tuberculosos.

Foi sócio honorário do Collegium Oto-Rhino-Laringologicum e Presidente de Honra do Congresso da Sociedade Latina de Otorrinolaringologia (1954), em Lisboa.

Em 3 de Maio de 1963 a Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia e a Sociedade Médica dos Hospitais Cívicos de Lisboa, fizeram conjuntamente uma Sessão de Homenagem à memória desse grande Homem e Mestre. Conheci o Dr. Alberto Mendonça no ocaso da sua vida, mas constitui sempre para mim um motivo de muita admiração à forma como fazia a história clínica, a observação e a indi-



3 gerações de directores, da esquerda para direita, Samuel Ruah, Alberto Mendonça e Luís Macieira.

cação terapêutica dos doentes na consulta externa do Hospital de São José, ao lado de médicos muito mais velhos que eu, como o Dr. Luís Macieira, o Dr. Luís Andrade, o Dr. Fonseca, além de outros.

Foi um homem muito versátil: Cirurgião-geral, nos Hospitais Cívicos de Lisboa, Director do Hospital Militar de Lisboa, participou na guerra de Angola e na Primeira Guerra Mundial e foi o grande Mestre e inovador da Otorrinolaringologia, entre nós tendo emprestado os seus ensinamentos quer científicos quer éticos, a um enorme número de seguidores, cujo título de glória era dizerem que com ele tinham aprendido.

Era um Homem aparentemente ríspido no trato, mas muito bondoso no seu coração. Durante anos, ia aos Domingos e feriados ao Hospital ver os doentes da Enfermaria! Foram discípulos, colaboradores dele, o Prof. Carlos Larroudé, o Dr. Barata Salgueiro, o Dr. F. Silva Alves, o Dr. Jaime de Magalhães, o Dr. Manuel Pinto e um nunca acabar de nomes bem conhecidos.

Era membro de praticamente todas as Sociedades da Especialidade então existentes. Como militar, para além de ter sido o primeiro classificado nas provas para tenente-médico, foi condecorado com várias medalhas. Publicou alguns trabalhos, entre eles “O ouvido e o automobilismo”, no Auto Clube Médico (1938”).

O Dr. Alberto Luís Mendonça e Eu

Conheci o Dr. Mendonça quando lhe fui apresentado, por um outro colega do seu consultório, na Av. da Liberdade e que me tratava da tuberculose havia a 3 anos, “presente” que tive logo que me formei. Quando tive alta, resolvi especializar-me em Otorrinolaringologia. O Colega apresentou-me ao Dr. Mendonça e tudo começou mal! Disse-me logo: “não tenho Serviço para tuberculosos, mas se quiser ir para lá, pode ir 2 ou 3 vezes por semana”. Fiquei estarelecido! Respondi -lhe que agradecia muito, mas não queria excepções. “Então vá!”.

No dia seguinte de manhã, fui cedo para aquilo a que se chamava “Serviço” – um corredor com armários para os fatos, uma sala grande, sem janelas, com os postos junto à parede e uma pequena sala onde se esterilizavam os instrumentos em panelas, num fogão a gás. Pedi à enfermeira que me desse uma bata que era bem pequena e com buracos. Quando ele entrou, levantei-me

e cumprimentei-o: “Bom dia, Sr. Director”: “Continuou a andar, sem olhar para mim, parou e disparou”: O Sr. já viu que ridículo que está com essa batinha!”.

Respondi-lhe: “Já sim, Sr. Director. A avaliar pela bata, calculo como será o Serviço para onde venho”! Ele parou, e sem se voltar, continuou depois a andar.

Eu tinha ido ao Instituto Pasteur comprar um espelho frontal. Ele chamou-me, e eu, atabalhoadamente, desembulhei o espelho e coloquei-o mal. “Com quantos valores passou na Faculdade em ORL? Dezassete, Sr. Director. O Sr. não percebe nada disto!”

Respondi-lhe: “Sr. Director, se já soubesse tudo, não sei se viria para cá!”. De repente, tudo à nossa volta ficou mudo! Olhou para mim, deu-me uma pancada nas costas e disse-me: “Olha rapaz, havemos de nos entender...”. E assim foi!

Quando se reformou do Serviço fomos transferidos para o Hospital de D. Estefânia, onde ele aparecia às vezes.

Uma manhã, a esposa telefonou-me e disse-me: “Dr. Ruah, o seu grande amigo acabou de morrer. Quero que seja dos primeiros a saber!”. Todos perdemos muito nessa manhã e eu fui certamente dos que mais sentiu essa perda.

Perdi o Mestre e o Amigo.

*In Memoriam do Dr. Alberto Luís de Mendonça
Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e
Bronco-Esofagologia
(3 de Maio de 1963)*

Lisboa, 03 de Abril de 2007